



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIA DE FÁTIMA CRUZ CABRAL

**O PAPEL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO
(A) PROFESSOR (A) DE HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2018**

MARIA DE FÁTIMA CRUZ CABRAL

**O PAPEL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO
(A) PROFESSOR (A) DE HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Relatório)
apresentada ao Programa de Graduação em
História da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
graduada em História.
Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Carreiro de
Santana.

**CAMPINA GRANDE-PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C117p Cabral, Maria de Fatima Cruz.

O papel do estágio supervisionado na formação profissional do (a) professor (a) de história [manuscrito] : relato de experiência / Maria de Fatima Cruz Cabral. - 2018.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana , Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Estágio supervisionado. 2. Ensino de história. 3. Formação docente. I. Título

21. ed. CDD 371.225

MARIA DE FÁTIMA CRUZ CABRAL

**O PAPEL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL
DO(A) PROFESSOR(A) DE HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

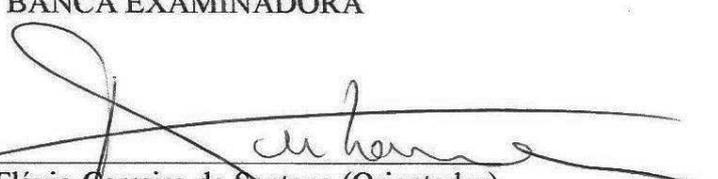
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentada ao Programa de Graduação em
História da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
graduada em História.

Área de concentração: Ensino de História.

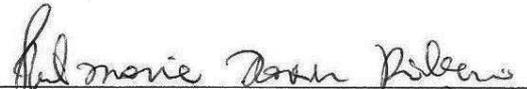
Orientador: Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana.

Aprovada em: 05/12/2018.

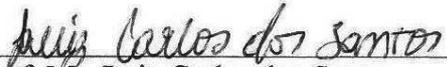
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr.ª Hilmária Xavier Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Luiz Carlos dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Na minha infância, sempre ouvi: “Minha filha, quem não sabe ler é igual a um cego”. Mamãe, mesmo sem saber escrever uma letra, era sábia. A senhora não é mais cega. É uma estrela e as estrelas tem brilho eterno. À minha mãe, *Francisca Santos da Cruz* (in. memoriam), DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Elaborar um texto de agradecimento me faz sentir um *mix* de emoções, alegrias, saudades e incertezas. Alegria por saber que estou realizando um sonho que foi adiado do seu curso normal por longos trinta e três anos. Saudades das amizades construídas durante esse período de formação. Incertezas, pois só Deus saberá o que irá acontecer após.

Nesse sentido, começo agradecendo a Deus, que é Pai e criador e saberá exatamente o que ainda está por vir na minha história.

Agradeço indistintamente a todos os professores (as) que contribuíram para essa formação.

Aos amigos (as), que durante esses anos compartilhamos nossas vidas, entre alegrias e tristezas.

A Coordenação do Núcleo de Pesquisa em História Local – NUPEHL, que tanto colaborou para esse aprendizado.

Ao meu Orientador, Dr. Flávio Carreiro de Santana, por todo seu empenho e dedicação.

E para finalizar, agradeço a todos meus familiares, em especial a Marcela e Mariana, minhas filhas, que tiveram que suportar toda minha ansiedade.

Meus sinceros agradecimentos

“Desistir... Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério; é que tem mais chão nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça”.

Cora Coralina.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. LÓCUS DA PESQUISA	9
2.1 O espaço físico da escola Nossa Senhora do Rosário.....	9
2.2 Um mapeamento da sala de aula	10
3. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.....	11
4. O ENSINO DE HISTÓRIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS.....	13
5. RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.....	16
5.1 Anotações de campo: a experiência de ser/estar professora	16
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
7. REFERÊNCIAS	23

O PAPEL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO (A) PROFESSOR (A) DE HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria de Fátima Cruz Cabral¹

RESUMO

Pensando na importância do estágio supervisionado como recurso necessário à formação docente, durante os cursos de licenciatura, principalmente em história, este texto tem por finalidade apresentar um relato de experiência, na condição de aluna-mestre, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, localizada na cidade de Campina Grande-PB, no período de 25 de Setembro a 20 de Novembro de 2017. Abordando os desafios e as possibilidades do ensino de história em tempos atuais. Metodologicamente, utilizamos anotações de diário de campo, relatório do estágio supervisionado, análise do livro didático e planejamento de aulas, tendo o apoio de levantamento bibliográfico a partir dos referenciais teóricos de Caimi (2001), Schmitd (2004), Pinsky (2003), Zabalza (2014), dentre outros.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado. Ensino. História.

¹ Aluna de Graduação em História-Licenciatura pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I e membro do Núcleo de Estudos em História Local (Nupehl). E-mail: fatimacruzcabral@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tornou-se fruto dos resultados de atividades e experiências realizadas durante o Estágio Supervisionado Obrigatório II – ESO², iniciado em 28 de agosto a 04 de dezembro 2017, com aulas dialogadas na instituição de ensino superior UEPB, onde aconteceram importantes debates com os seguintes textos: Estágio e Docência (Selma Garrido Pimenta, Maria Socorro Lucena Lima, 2006); O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária (Miguel A Zabalza, 2014); Fazer Defeitos nas Memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? (Durval Muniz de Albuquerque Júnior, 2012). Com o objetivo de problematizar as questões sobre a docência e o enfrentamento da sala de aula, onde, de acordo com Durval (2012) saber aceitar e conviver com a diferença, aceitar a opinião e o ponto de vista diferente como tendo direito à existência, representar a formação de subjetividades mais bem preparadas para a convivência democrática.

O propósito principal desses encontros iniciais é esta preparação para convivência democrática, em sala de aula do futuro profissional docente.

Em seguida, obedecendo ao critério da Instituição, houve o encaminhamento para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, localizada no bairro da Prata, na cidade de Campina Grande – PB. Sendo assim, segundo Pimenta e Lima (2006), o estágio se constitui como um campo de conhecimento, onde lhe é atribuído um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental.

A vivência em sala de aula teve início no dia 25 de Setembro de 2017, com a turma do 6º ano “E”, composta por 35 alunos matriculados, com faixa etária entre 11 e 14 anos - turno da tarde, onde houve uma boa receptividade, tanto por parte da professora regente quanto pelos alunos.

Nesse primeiro contato teve o intuito de observação e de identificação com a futura profissão, espaço também, oportuno para pensar a docência como algo mapeado por dificuldade, desânimos, ajustes de horários, excesso de trabalho em convivências ao desejo pela diferença, esperança, responsabilidade e competência no que faz. Pode-se dizer que o estágio supervisionado torna-se um momento da formação docente para o crescimento pessoal e a realização profissional.

² Estágio supervisionado que acontece no ensino básico da segunda fase, ou seja, em turmas de 6º ano a 9º ano.

Em termos de objetivos, tivemos a necessidade de refletir sobre o papel do estágio supervisionado na graduação em história e como esse contato com o cotidiano da profissão pode influenciar no perfil do docente, estimulando ou não a identificação com o curso e a licenciatura. Além disso, apresentamos os desafios e as possibilidades do saber/fazer ensinar história nos dias atuais e as estratégias para a aprendizagem.

No que se refere à metodologia para construção do texto, usamos o relatório do estágio supervisionado, as anotações de sala, planejamento e planos de aula e principalmente o livro didático, História da Pré-história à Antiguidade – 6º ano – dos autores, Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacoppi (2012). As demais referências que acompanharam as discussões advêm dos teóricos Zabalza (2014), Albuquerque Júnior (2012), Pimenta e Lima (2006) entre outros.

O texto está dividido pelos seguintes pontos: Lócus da pesquisa: o espaço físico da escola Nossa Senhora do Rosário e um mapeamento da sala de aula; A formação Docente e o Ensino de História; A Importância do Estágio Supervisionado para a Formação Docente; O Ensino de História e as Novas Tecnologias e o Relato de Experiência na Escola Nossa Senhora do Rosário, com o objetivo de contribuir significativamente para as próximas pesquisas e com a comunidade escolar que acolheu o estágio à formação docente.

2. LÓCUS DA PESQUISA

2.1 O espaço físico da escola Nossa Senhora do Rosário

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, está localizada na Rua Nilo Peçanha S/N, no bairro da Prata, na cidade de Campina Grande – PB, Vizinho a Igreja Nossa Senhora do Rosário.

Sua fundação ocorreu através da Lei nº 700 de 14 de dezembro de 1954, durante o mandato do então governador José Américo de Almeida. Teve como seu primeiro gestor o pároco Cristóvão Ribeiro da Fonseca. Faz parte da 3ª Gerência de Ensino da Secretaria Estadual de Educação³.

A unidade escolar tem por objetivo atender jovens na faixa etária entre 11 aos 17 anos, onde cursaram a segunda fase do ensino fundamental. O perfil socioeconômico da escola é variado, pois, em sua grande maioria, as crianças e adolescentes assistidos pela instituição de ensino são oriundos das periferias dos diversos bairros da cidade em razão da escola, estando à escola em localização privilegiada, fazendo limites com diversos bairros da cidade.

A referente instituição de ensino básico conta com 737 alunos matriculados distribuídos em 12 salas de aulas, nos turnos manhã e tarde, com variação de número de alunos por sala. Existem turmas que acomodam, em média, 12 alunos por sala; em outras chega a contar 35 a 40 alunos, dependendo das séries. Ao todo são 29 professores e 15 funcionários distribuídos entre direção, secretaria e pessoal de apoio. Acerca dos suportes tecnológicos e de assistência básica, a escola dispõe de sala de vídeo, laboratório de informática e biblioteca, no entanto para uso desses espaços faz-se necessário um pré-agendamento, por parte do professor.

A referente escola é considerada uma instituição pública, com autonomia didática-técnica, tendo como finalidade proporcionar ao educando a formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades. Outro fator importante é a inserção da comunidade, não apenas através dos pais e responsáveis, por uma boa parcela da comunidade, os quais prestigiam as oficinas e projetos socioeducativos desenvolvidos pelo núcleo docente e discente da escola.

Durante a nossa experiência docente, foi possível perceber que a escola Nossa Senhora do Rosário enfrenta alguns problemas, dentre eles, a falta de espaço físico suficiente, já que não dispõe de auditório, área de recreação ou uma quadra esportiva.

Em contrapartida observamos que existe um empenho, de todos os colaboradores, professores, pessoal da administração e pessoal de apoio, em ações e projetos, para otimizar o espaço físico existente, contribuindo assim, para o melhor acolhimento dos alunos, seja na confecção de puffes⁴, ou nas construções de murais com temas culturais, entre outros, todos produzidos com materiais reciclados. Esta ação é de suma importância para o desenvolvimento do trabalho em equipe, mostrando a hegemonia e o dinamismo da gestão escolar atual.

2.2 Um mapeamento da sala de aula

No que se refere à turma do 6º ano “E”, turno tarde da E.E.E.F. Nossa Senhora do Rosário era composta por um total de 35 alunos matriculados, no entanto, durante os nossos

³ <http://escolariosariocg.blogspot.com/p/historico-escolar.html>

⁴ Tipo de móvel, baixo e largo, quase sempre estofado.

encontros foi registrado em média a presença de 28 alunos, em sua maioria de meninas com faixa etária de 11 a 14 anos.

Sabendo que a adolescência é uma fase de muitas mudanças, transformações e construções, o relacionamento com a turma ocorreu de forma bastante agradável.

A sala de aula possui as seguintes características: pouco espaço para o docente e alunos se movimentarem, pois as carteiras são amontoadas justamente pela falta de espaço, a ventilação natural é quase escassa, assim com a iluminação. Não foi observada a existência de aparatos tecnológicos em sala de aula disponíveis para utilização dos professores.

Tratando da presença de estagiários, houve uma receptividade harmoniosa, e não foi constatado contratempos durante o período de atuação do estágio. Pudemos perceber que a forma como as atividades foram desenvolvidas, sempre buscando contextualização com o cenário atual, é bastante proveitosa para a maioria da turma, porém não podemos deixar de registrar que em alguns momentos, durante esse período, uma pequena parcela não demonstrou interesse pelo conteúdo. Igualmente, pode-se afirmar que não houve dificuldades em conduzir o estágio, pois a formação oferecida pela instituição nos prepara de forma satisfatória para desenvolvimento de nossas potencialidades docentes.

Portanto, o estágio é de fundamental importância para a formação docente, por permitir vivenciar a realidade de sala de aula.

3. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Durante o estágio supervisionado na licenciatura de História é possível nos prepararmos emocionalmente para os desafios adiante, principalmente após a conclusão do curso e a inserção no mercado de trabalho, pois este momento, necessário à formação acadêmica, dá aos alunos-mestres o direito de vivenciar a experiência de ser professor ou professora, e a partir deste encontro entre universo acadêmico e realidade escolar, a opção de escolher ou não a carreira de professor (a).

Para muitos formandos não tem sido fácil as relações entre estágio supervisionado e os limites apresentados pelas licenciaturas. Inegavelmente, podemos nos deparar com frustrações e medos ao iniciarmos uma experiência em sala de aula, com turmas variadas, cujas realidades socioeconômicas são divergentes e os problemas sociais não se fazer por omissos.

Assim, “(...) cada estudante viverá o estágio de uma forma particular. Maneira que, em parte, dependerá da própria organização do período de estágios e, em parte, da vontade e disposição com que cada estudante enfrentará e se envolverá na experiência”. (Zabalza, 2014, p.237).

De fato, este contexto se apresenta em alguns casos e esse contato com o real, para além dos muros da universidade, se torna de suma importância, pois nos apresenta as realidades do ensino e os tipos de organizações desenvolvidas pelos sistemas educacionais do país, em condições tão divergentes e confusas.

Nas práticas do estágio do curso de história é possível aprender a ensinar, utilizar métodos, bibliografias, formas de avaliações, diferentes recursos didáticos, assim com conhecer os estímulos e enfoques teórico-metodológicos dos livros didáticos e dos vínculos historiográficos da disciplina através do professor (a) regente.

No entanto, existem desarticulações e dificuldades no processo de formação de professores nos cursos de licenciatura em história a partir da experiência do estágio curricular, quando do desencontro entre “[...] as disciplinas de conhecimento histórico e as disciplinas pedagógicas e, também, a ausência de clareza sobre o perfil do profissional que se quer formar”. (CAIMI, 2001, p.81).

Em outras palavras, nem tudo que se aprende na graduação de história ou todas as maneiras que os assuntos foram ensinados poderão ser utilizados no ensino básico, por exemplo. É preciso haver uma adaptação por parte dos futuros profissionais, posto à necessidade de sujeitos conscientes e abertos às modificações metodológicas.

Uma série de fatores permite influenciar e traçar o perfil do aluno estagiário e se impõem, em um primeiro instante, como marca da sua atuação enquanto professor (a) de forma efetiva, revelando uma relação teoria/prática do curso de formação. Mesmo assim, para Pimenta e Lima (2006), o estágio supervisionado não é uma forma suficiente de aprender e exhibe algumas limitações, a saber:

Nem sempre o aluno dispõe de elementos para essa ponderação crítica e apenas tenta transpor os modelos em situações para as quais não são adequadas. Por outro lado, o conceito de bom professor é polissêmico, passível de interpretações diferentes e mesmo divergentes. A prática como imitação de modelos tem sido denominada por alguns autores “artesanal”, caracterizando o modo tradicional da atuação docente, ainda presente em nossos dias. (PIMENTA; LIMA, 2006, p, 35).

De tal modo, mesmo havendo a promessa de aproximação com a sua realidade profissional e a identificação com a função de professor (a) de história, aos alunos-mestres

não se nega as limitações apontadas nos processos estagiários, às renúncias de ordem pessoal, as adaptações de horários e, principalmente, as poucas oportunidades de “fugir” das concepções de ensino aos modos tradicionais e quase insuperáveis por parte de determinadas gestões escolares, organizações de currículo e os próprios alunos da escola que reclamam quando não se utiliza os recursos tradicionais, a exemplo do livro didático. Contudo,

O estágio exige que o estudante ponha em prática todos os seus recursos, tanto o que sabe quanto o que ele realmente é. A máscara e o personagem que pode manter durante as atividades acadêmicas desaparecem ao enfrentar uma situação de trabalho real em companhia de outros profissionais com os quais pretende aprender. O estágio requer outro tipo de conhecimento e atitudes bem diversas daquelas que serão utilizadas nas aulas. (ZABALZA, 2014, p. 237).

Além disso, o estágio permite que o aluno-mestre reveja suas falhas e esteja em constante atualização de práticas e ideias de atividades, visto que o perfil assumido na universidade dialoga em pouca quantidade com a identidade adotada no contexto da ação docente.

O processo educativo é bem mais amplo e não se reduz apenas as vivências do estágio para atestar a qualidade de ensino ofertado, mas esta iniciativa não pode ser reduzida a uma simples exigência curricular, visto a sua importância, enquanto laboratório, para desenvolver habilidades de técnicas, conteúdos e recursos metodológicos diante das várias realidades educacionais. Assim, “O estágio, então, deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimento do curso de formação de professores”. (PIMENTA; LIMA, 2006, p.55).

Além disso, a constituição da presença responsável do aluno-mestre em sala de aula e o contato com a comunidade escolar garantem um espaço de flexibilidade e menores imposições acadêmicas, pois o olhar vigilante desta se materializa apenas nos dias de avaliação do professor-supervisor do estágio curricular.

Diante disso, o estágio supervisionado nas licenciaturas oferecem oportunidades mais amplas de apontamentos, abordagens, utilização de ferramentas metodológicas e o próprio aperfeiçoamento constante ao se identificar com a profissão de professor (a). Caso contrário, é hora de tomar novas decisões para o melhoramento do desempenho ou alçar voos às novas possibilidades.

4. O ENSINO DE HISTÓRIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A história e o ensino de história nos permite não tomar como absoluto as ações e fatos que definem o nosso passado, refletindo sobre o quem somos e as várias formas possíveis de conhecimentos acerca daquilo que nos define e estabelece o tempo presente.

Desta forma, é a partir das mudanças intensas e significativas nos processos históricos e nas modificações de paradigmas, referente à historiografia, que se torna necessário refletirmos com relação à serventia da história na contemporaneidade e a utilidade que o ensino de história tem em nossos dias. Assim,

(...) a história possui a utilidade de produzir o artefato mais complexo e mais importante da vida social: o próprio ser do humano, a subjetividade dos homens. Quando, muitas vezes, somos interpelados com certo ar de desprezo sobre para que serve o que ensinamos e o que escrevemos, devemos responder que a história serve para produzir subjetividades humanas, para humanizar, para construir e edificar pessoas, para lapidar e esmerilhar espíritos, para fazer de um animal um erudito, um sábio, um ser não apenas formado, mas informado, de um ser sensível fazer um ser sensibilizado. Fabricar pessoas no mundo de hoje, como em tantas outras épocas, não é tarefa das mais fáceis. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p.31).

Nas palavras do autor, observa-se o caráter de aprendizado que a história assume, quando nos ensinar a prestar atenção no outro, pois o ensino de história condiciona a escolha de decisões, posições e defesas, promovendo a (re) construção de identidades e a convivência com a diversidade.

Contudo, para esse ensino de história as transformações contemporâneas têm exigido adaptações e novas leituras do tempo junta a inserção de práticas pedagógicas várias e em diálogo com a modernidade. Todavia, diante das mudanças na sociedade ao longo do tempo, a incorporação e a inovação das tecnologias tem assumido papéis importantes, principalmente no cenário escolar. Porém, é preciso refletir sobre a maneira como as escolas vêm se adaptação à presença e o uso das novas tecnologias.

Um dos grandes dilemas no ambiente escolar é saber conciliar conteúdo, a mediação dos conhecimentos dos educadores e educadoras integrados ao uso metodológico de tecnológicas, havendo, de fato, a inclusão e o manuseio adequado, mesmo diante de tantas realidades limitadas, onde a internet e o computador são artigos de luxo. Para isso,

Ensinar História pressupõe, para o professor, necessidade de constante aperfeiçoamento, estudo, busca de metodologias e estratégias inovadoras e adequadas aos conteúdos que serão estudados, bem como, adequadas a realidade de sua sala de aula. (GALVÃO, 2008, p.45).

No ensino de história as limitações e os desafios também são reais em relação ao uso de tecnologias na sala de aula. Esta realidade tem trazido, para o âmbito das discussões acadêmicas, uma série de posicionamentos e possíveis resoluções aos problemas vivenciados pela comunidade escolar, pois a escola, enquanto espaço de construção de conhecimentos e de ligação direta às transformações sociais, é visualizada pela conexão direta às mudanças e incorporações das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), promovendo, assim, o aprendizado e a inclusão de sujeitos na sociedade.

Uma das justificativas para o uso das tecnologias no ensino de história se faz pela ideia de que a escola seria o ambiente mais apropriado para a introdução de NTICS no ensino presencial, ofertando, mediante a internet, uma significativa quantidade de dados e informações, obras de artes e demais manifestações culturais prontas para serem exploradas e utilizadas como recursos metodológicos nas aulas de história. No ensino de história presencial, as tecnologias podem ser utilizadas em:

Duas possibilidades principais de utilização das NTICs (...), a saber: primeiro é através da utilização das NTICs em apoio às tarefas tradicionais dos professores, como fonte de recursos para a preparação de aulas e materiais pedagógicos e, segundo, como ferramentas instrucionais, ou seja, aplicação de metodologias de utilização pedagógica das NTICs e, em especial, do ciberespaço. (SILVA, 2012, p.9).

Entretanto, ao professor (a) de história cabe a responsabilidade de utilizar, de forma contextualizada, os recursos tecnológicos atrelados às aulas temáticas e, principalmente, em diálogo com as realidades apresentadas pela escola e como parte desta.

Vale salientar que, mesmo havendo exigências para que os educadores se atualizem, as tecnologias não podem e nem substituirão a importância destes profissionais em sala de aula, uma vez que o “(...) temor pela máquina e equipamentos eletrônicos, medo da despersonalização e de ser substituída pelo computador, ameaça ao emprego, precária formação cultural e científica ou formação que não inclui a tecnologia”. (LIBÂNEO, 1998, p.68).

Diante disso, o professor (a) deve saber contornar a situação, pois as tecnologias, sem desprezar sua importância, não suprem a demanda pedagógica de ensino e aprendizagem se não apresentarem objetivos direcionados ao desenvolvimento de saberes, ideias e ao estímulo de criatividade e participação dos estudantes em diálogo com as atividades curriculares.

5. RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

5.1 Anotações de campo: a experiência de ser/estar professora

Neste ponto será apresentado o desenvolvimento das aulas e seu respectivo planejamento, apontando os materiais utilizados, os temas e a importância dos mesmos, além das sensações e desafios superados. Vale ressaltar que foram oito encontros com a turma, acumulando um total de 160 minutos de aula. O estágio supervisionado se dividiu em fase de observação, participação e, principalmente, regências de aulas em sala.

Segue abaixo as observações gerais:

Primeiro encontro: 25 de setembro de 2017 (momento de apresentação e observação).
Conteúdo Trabalhado: Capítulo 10, pág. 151 – **Grécia Antiga**.

Trata-se do primeiro contato com a sala de aula na qualidade de docente. Este primeiro momento foi para observar como a professora Clío⁵ ministrou o conteúdo e a forma que os alunos interagem. A aula teve início às 14h30min, até às 16h15min com intervalos de quinze minutos.

O conteúdo da aula de história encontrava-se no livro didático “Historia da Pré-História à Antiguidade – 6º ano, capítulo 10” dos autores, Gislaine Azevedo e Reinaldo Seriacoppi. A professora fez a leitura do primeiro parágrafo, em seguida passou a vez para que os alunos continuassem com a leitura, explicando como eram construídas as cidades da época; em seguida pediu que a leitura continuasse de forma silenciosa, enquanto passava algumas instruções aos estagiários.

Após o intervalo, a Professora aplicou um exercício contendo 06 questões, para os alunos responderem através de pesquisa. Embora os alunos permanecessem um tanto agitados, houve participação dos mesmos.

Segundo encontro: 02 de outubro de 2017.
Conteúdo trabalhado: continuação Cap. 10 - **Mitologia Grega**

⁵ Pseudônimo.

Recursos utilizados: Livro didático, Cordel com leitura rimada, lousa, pincel.

No segundo encontro, trabalhou-se com o conteúdo mitologia grega, dando continuidade a um planejamento preestabelecido, obedecendo a regras dos PCNs e da coordenação pedagógica da escola. No entanto, professora Clio, deixou ao nosso critério a forma de mediar o conteúdo ao refletir sobre o conteúdo, os temas universais vividos por Deuses e seres humanos, suas tradições, culturais, relações sociais e políticas, experiência das nos idos dos séculos 5 a.C.

Optamos em mesclar o conteúdo do livro didático com um cordel “Mitologia Grega em Cordel” escrito por um autor nordestino Gilliard Santos, de Fortaleza – CE, por entender que na dinâmica de sala se faz necessário introduzirmos novos olhares para a cultura e o saber fazer, que está de certa maneira arraigado em nosso povo, perpetuando os valores históricos e culturais por entre os séculos,

Ao iniciarmos, o conteúdo, propriamente dito, fizemos alguns questionamentos sobre as dúvidas que por ventura haviam ficado com relação à aula anterior, já que o assunto era uma continuação da aula passada.

O tema despertou muita curiosidade e interação a partir do momento em que foi realizada uma contextualização com os Cavaleiros do Zodíaco, A Pequena Sereia (desenhos animados), que são repletos de mitologia, visto que, os mitos são uma forma mágica de explicar como e por que a realidade se constitui. Podemos perceber que os livros didáticos deixam a desejar nesse tipo de relação entre realidade e conteúdo.

Terceiro encontro: 09 de Outubro de 2017.

Conteúdo trabalhado: Capítulo 11 – Polis Gregas - **Atenas e Esparta**

Recursos utilizados: Livro Didático, Cordel, Lousa e pincel.

Iniciou-se a aula nesse dia, retomando o conteúdo anterior, explicando o uso do cordel. Inicialmente, perguntou-se se alguém teria lido o cordel e o que acharam da literatura, e se alguém gostaria de comentar. Poucos alunos falaram sobre o que entenderam, outros questionaram o motivo dos deuses que aparecem no cordel não serem os mesmos do livro

didático. Então, explicamos que o cordel era escrito em forma de poesia e retratava o período da criação do mundo.

Desta forma, de acordo com Bonfim (2012), usar o cordel na Escola é ato de cidadania, recheado que de histórias aventura e poesia, e de quebra ainda ensina, ciências e Mitologia. O cordel nos auxilia como aprendizagem, não apenas de passar o conteúdo em si, mas também como cultura nordestina, do saber fazer, da oralidade e da poesia, foi feita uma leitura rimada, que contou também com a participação de alguns alunos, foi um momento de descontração sem perder o foco no objetivo, que é de compreender a historicidade por trás do cordel, enquanto recurso didático.

Dando continuidade a aula do dia, assunto instigante por fazer compreender que muito do que sabemos hoje, teve sua origem nessas civilizações, 2000 anos antes de cristo, atravessou milênios e continua a contribuir em diversos campos dos saberes, a filosofia, as artes plásticas, a arquitetura, as ciências humanas, biológicas e exatas.

Portanto a importância desse estudo, onde podemos relacionar o presente com o passado e fazer nossos jovens compreender que as olimpíadas que acontece de 4 em 4 anos teve origem com essas civilizações. Quando fazemos essas contextualizações, começamos a despertar o interesse da grande maioria em sala de aula.

Utilizando-se dessa deixa, continuou-se com o conteúdo envolvendo as obras de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*, o surgimento das Polis Gregas e as origens dos Jogos Olímpicos, sempre enfatizando a questão da leitura do passado e os dias atuais, mostrando a importância das Olimpíadas, tanto de forma positiva quanto a forma negativa, que também faz parte do “jogo”, para que dessa forma os alunos comecem a entender que, por trás de todos os acontecimentos, existe um *marketing* político e econômico, e isso também é história.

Quarto Encontro: 16 de Outubro de 2017

Conteúdo: Cap. 11 **Democracia** (com o desenvolvimento de atividade participativa em sala)

Recurso Utilizado: Livro Didático, Lousa e Pincel, Caixa de papelão e senha de papel A4, cabine improvisada.

Nesse encontro, a aula foi sobre Democracia Ateniense, seu surgimento, finalidades. A Democracia palavra grega, que significa um regime de governo que tem a participação popular, falar de um sistema político originado na Grécia e contextualizar as relações com o

cenário atual do país. Conteúdo inspirador para um debate em sala de aula, com o objetivo de discutir a atual conjuntura democrática do nosso país, refletir sobre a importância de um país mais justo e igualitário, fazer nosso aluno pensar criticamente, analisar os sistemas de governo e saber que a participação das pessoas pode contribuir com as decisões administrativas.

Explicamos também qual a diferença entre a democracia em Atenas, e a democracia dos tempos atuais, ou seja, uma democracia representativa. Foi um momento ímpar com a participação de todos, além de muita empolgação e aprendizado.

Como dinâmica, realizamos uma eleição de presidente de turma: montamos uma cabine improvisada, uma caixa de papelão para servir de urna e senha em branco para cada aluno; explicamos como deveria funcionar. Por exemplo: cada aluno compareceria a cabine, votava em colega para presidente, em seguida depositava a senha na urna, após o término, seria feita a contagem de votos.

. Em seguida, foi deixada uma questão para que os alunos, baseados na dinâmica trabalhada em sala de aula, os alunos conversassem com seus pais sobre democracia, para saber a opinião deles, e assim, puderem construir um texto sobre atual conjuntura democrática.

Quinto Encontro: 30 de outubro de 2017.

Conteúdo Trabalhado: conclusão do Cap. 11 **Império Macedônico e a Cultura Helenística**/Capítulo 12 **Império Romano**.

Recursos utilizados: Livro didático, lousa, pincel, material xerocado.

Iniciou-se a aula com uma explanação breve do conteúdo anterior, adentrando no conteúdo sobre o Império Macedônico e a Cultura Helenística, com as conquistas de Alexandre Magno (Alexandre, O Grande). Após a conclusão do conteúdo, foi entregue uma lista de exercício com 10 questões objetivas baseadas no conteúdo trabalhado nas aulas anteriores para ser respondida em casa, que dava suporte para leitura e serviria de base para a prova.

Durante a segunda aula, começamos o conteúdo do Capítulo 12 do livro didático, que trata sobre o Império Romano. Nesse momento foram apresentados apenas dois tópicos iniciais, trabalhando sempre de forma contextualizada com o conteúdo anterior para que houvesse uma melhor compreensão por parte dos alunos. E assim terminou mais um encontro.

Sexto Encontro: 06 de Novembro de 2017.

Conteúdo Trabalhado – **Aplicação de Prova**

Recurso Utilizado: Provas impressas, distribuição de lanches. Início da Aula às 14h30min.

Em cumprimento ao Calendário escolar, e de acordo com as informações repassadas pela professora Clio, nesse encontro foi aplicado uma prova para compor a nota do bimestre.

Para surpresa nossa, os alunos estavam muito ansiosos e barulhentos, todos queriam saber ao mesmo tempo como seria a prova. Solicitamos que ficassem calmos e com a ajuda da presidente e do vice-presidente de turma, organizamos o posicionamento das carteiras, a prova foi entregue, lida as questões em voz alta para compreensão do que estava sendo solicitado, ficamos surpresos com as reclamações de todos, por julgar a prova muito extensa, a prova era composta por 10 questões, sendo um pequeno texto e as demais questões subjetivas, as quais contemplava o conteúdo estudado durante as aulas anteriores.

Porém, sabendo da condição do horário das aulas que havia o tempo de intervalo entre uma aula e outra, tivemos o cuidado de providenciar um lanche a ser servido na sala, para que os alunos não precisassem sair para o intervalo, atrapalhando assim o desenvolvimento das questões. Entretanto, o resultado não atingiu as expectativas, pois as notas não foram satisfatórias para atingir a média, o que causou preocupação, ao falar com a professora regente, a mesma orientou a fazer uma nova avaliação para os alunos que não haviam atingido a nota suficiente.

Sétimo encontro: 13 de novembro de 2017. Conteúdo Trabalhado: **Avaliação para recuperação.** Recursos utilizados: Textos e questionários.

Nesse encontro de acordo com a orientação da professora regente, foi aplicada uma nova avaliação como forma de recuperação, dividimos a turma em três grupos, a saber:

Grupo 1: composto por alunos que não obtiveram êxito;

Grupo 2: alunos que faltaram no dia da avaliação;

Grupo 3: formado por alunos que tiveram nota satisfatória.

Para os grupos 1 e 2, foi elaborado um texto e duas questões, que deveriam ser respondidas com a ajuda do líder de cada grupo, entretanto, as respostas eram individuais. A atividade proposta utilizada para o 3º grupo foi responder um questionário avaliativo sobre a metodologia utilizada em sala de aula. O questionário foi composto por perguntas, com as seguintes opções de respostas: (bom) (regular) (satisfatório) (precisa melhorar), que serviu como análise e avaliação docente. Desse modo, toda a turma foi envolvida em uma discussão saudável e proveitosa, atingindo assim o objetivo da avaliação.

Oitavo Encontro: 20 de Novembro de 2017.

Conteúdo: Trabalhado sobre a Consciência Negra/ Continuação do Cap. 12: Império Romano

Recurso Utilizado: Vídeo sobre as grandes civilizações, lousa, pincel.

Nesse Encontro, por se tratar do dia em que se comemora a consciência Negra, foi trazido o tema para discussão, questionando a importância da data comemorativa e do Movimento Negro, conversamos sobre o preconceito na atualidade e a importância da identidade negra. As reações dos alunos foram as mais variadas.

No horário seguinte, por orientação da professora Clio, para não haver atraso ao calendário foi dada continuidade ao conteúdo, fazendo uma introdução do conteúdo a ser ministrado, exibimos um vídeo sobre As Grandes Civilizações, que tratava sobre Império Romano, mostrando o quanto essa civilização contribuiu para os dias atuais com seus conhecimentos em vários segmentos, a exemplo da arquitetura, da engenharia, linguagem e tantas outras coisas.

Com isso, pode-se observar que com essa metodologia utilizada torna-se mais fácil de ter a atenção e o entendimento dos adolescentes, pois a contextualização do conteúdo do livro didático somado a utilização de filmes em sala de aula, estimulam os adolescentes a associar os conteúdos e linguagens aos filmes.

Durante a segunda aula foi feito um esquema no quadro com os principais tópicos do capítulo 12. Pois a fase de experiência em sala de aula encerrou-se nesse encontro. E daí percebe-se o quanto foi gratificante para ambos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o estágio supervisionado nos proporciona um contato direto, mesmo que de forma rápida, com o cotidiano escolar; é um tempo de experiência e expectativas positivas e negativas para os acadêmicos e futuros professores. Dessa forma, a vivência em sala de aula nos ajuda a enfrentar as dificuldades da educação e as carências individuais de cada aluno. É nessa fase que percebemos o encontro dos saberes, de um lado os pensamentos teóricos, na expectativa de uma educação modelo, e do outro a dura realidade da comunidade escolar.

Em um país de dimensões continentais como o nosso, com tantas desigualdades étnicas, raciais e sociais presentes, precisamos ter a consciência de poder oferecer o que há de melhor, tanto no âmbito profissional, quanto humano, transformando, assim, a educação e os sujeitos.

Conforme sendo, durante o período do estágio, conseguimos manter um ambiente harmonioso com os alunos, não havendo transtorno em momento algum. De tal modo, é preciso enfatizar que a experiência foi de descobertas e re (encontros) constantes com o aperfeiçoamento da profissão.

Portanto, sabemos dos grandes desafios que poderemos enfrentar, no referente ao ensino de história e ao futuro da educação básica, pública e de qualidade, porém, para um educador que luta por direitos e deseja um futuro melhor através da educação, há mais esperança em seus (meus) passos, do que tristeza em seus (meus) ombros, mais estrada no seu (meu) coração do que medo na (minha) sua cabeça, como diria Cora Coralina.

ABSTRACT**THE ROLE OF THE SUPERVISED INTERNSHIP IN THE PROFESSIONAL TRAINING OF THE HISTORY TEACHER: EXPERIENCE REPORT AT THE SCHOOL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, CAMPINA GRANDE-PB**

Considering the importance of the Supervised Internship as a necessary moment for teacher training, during undergraduate courses, mainly in History, this text has as purpose to present an experience report, as a student-master, held at the Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, located in the city of Campina Grande – PB, from September 25 to November 20, 2017. Addressing the challenges and possibilities of teaching history in current times. We used field diary annotations, supervised internship report, didactic textbook analysis and lesson planning, and supported bibliographic review from the theoretical frameworks of Caimi (2001), Schmitd (2004), Pinsky (2003), Zabalza (2014), among others.

7. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Campos Gislane, SERIACOPI, Reinaldo. História da Pré-história à Antiguidade – 6º ano. Ed. Ática, 2012

BONFIM, João Bosco Bezerra. **O cordel é a chama alegre da cultura brasileira.** Disponível em: <http://joaoboscobezerrabonfim.com.br/wpcontent/uploads/2013/05/O-cordel-%C3%A9-a-chama-alegre-da-culturabrasileira.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2018.

CAIMI, F. E. **Conversas e controvérsias:** o ensino de história no Brasil (1980-1998). Passo Fundo: UFP, 2001.

GALVÃO, Cristiane Salette Bozza. O ensino de história: algumas reflexões. In: ___O professor PDE e os desafios da escola pública paraense: produção didático-pedagógico. **Cadernos PDE**, Paraná, v.2, 2008, p. 39-53. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2008_unioeste_hist_md_cristiane_salette_bozza.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Fazer defeitos nas memórias:** para que servem o ensino e a escrita da história? In: Qual o valor da história hoje? Márcia de Almeida Gonçalves... [et al.], organizadoras. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** : novas exigências educacionais e profissionais docentes. São Paulo: Cortes, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência:** diferentes concepções. Revista Poiesis - Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006

PINSKY, J; PINSKY, C. B. Por uma História prazerosa e consequente. In: Karnal, L. (Org.). **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-36.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.** Revista Científica Centro Universitário de Araras "Dr. Edmundo Ulson" – UNAR ISSN 1982-4920. Volume 7 - N° 1 – 2013

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.54-66.

SANTOS, Gilliard. Mitologia Grega em Cordel.

SILVA, Marcos. **Ensino de História e as novas tecnologias**. 2012, p. 1-20. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2silva_artigo.pdf. Acesso em: 20 no. 2018.

ZABALZA, M. A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária**. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2014.